

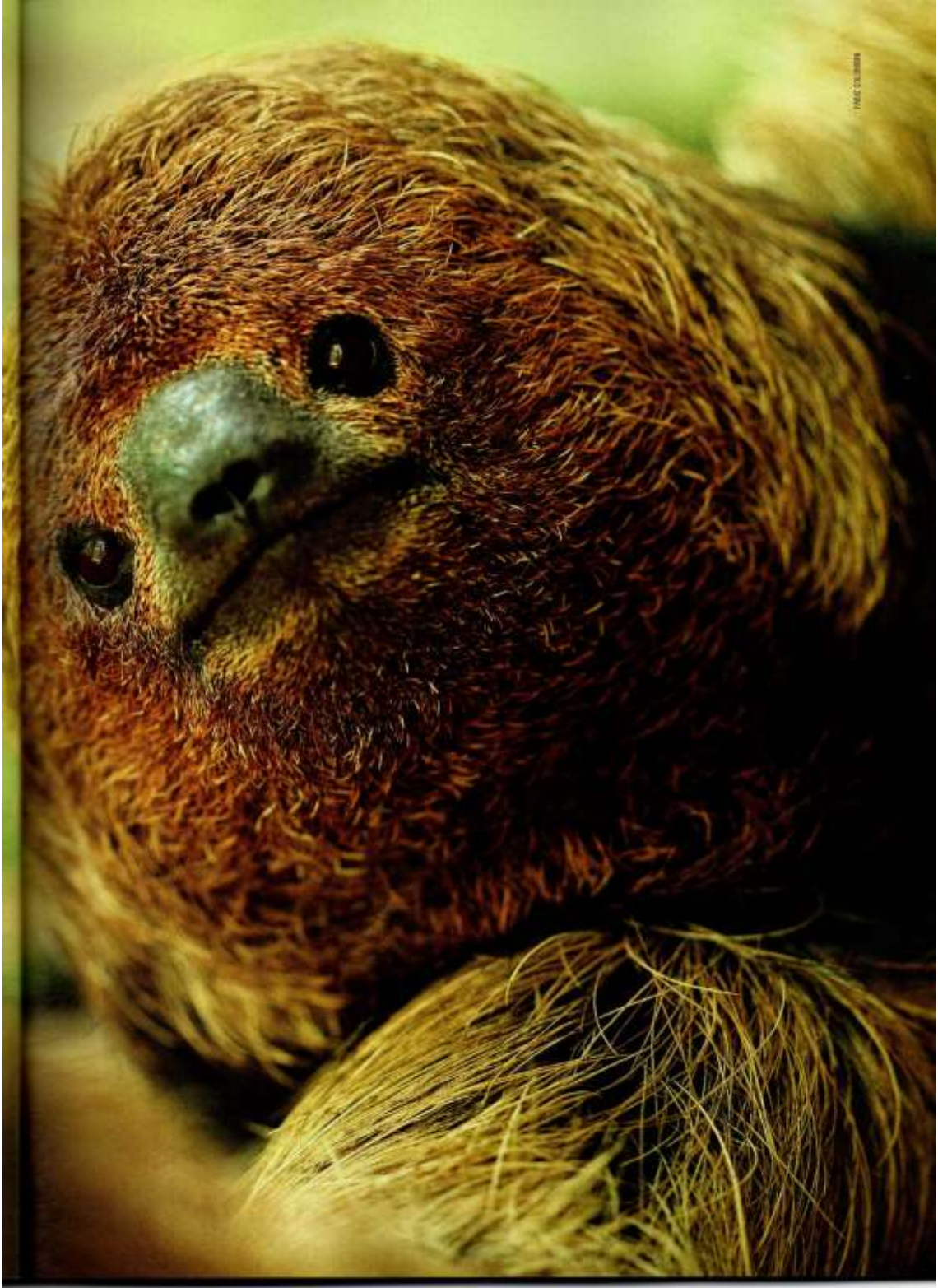
MAIS E MELHORES

da biodiversidade nativa

texto **LIANA JOHN**

*Não temos os maiores animais do mundo,
mas aqui é a casa de muitas das espécies
mais habilidosas, mais eficientes, mais
interessantes e – por que não? – mais
simpáticas do Planeta.*

Conheça algumas delas







Brasil não é o território dos maiores mamíferos do Planeta, título que pertence aos países do Centro-Sul da África. Também não é a terra das serpentes mais venenosas, crédito a ser dado à Austrália e suas várias espécies de taipan (gênero *Oxyuranus*). Nem vivem por aqui a ave capaz de voar mais alto - o condor (*Vultur gryphus*), habitante da Cordilheira dos Andes - ou a ave capaz de voar por mais tempo - o albatroz-errante (*Diomedea exulans*), senhor dos ares gelados do Círculo Polar Antártico. Nem por isso a fauna brasileira deixa de merecer registros no livro dos records, com alguns mais e melhores em categorias curiosas e nem sempre conhecidas. Listamos algumas dessas espécies cujas características extraordinárias bem merecem reconhecimento. Afinal, quem conhece e tem orgulho das riquezas de nossos ecossistemas costuma agir em defesa de sua conservação. Mesmo em se tratando de animais potencialmente perigosos para o homem.

Na Amazônia de tantas águas - igapós, igarapés, paranás, lagos e o poderoso rio-mar que dá nome a toda a região - seria de se supor que o peixe mais temido fosse, talvez, o potente poraquê (*Electrophorus electricus*) ou peixe-elétrico. O poraquê é grande (até 2,50 metros de comprimento), muito hábil nas manobras debaixo d'água (flexível como uma serpente e capaz de nadar até de 'marcha

a ré') e produz descargas elétricas de até 650 volts, o suficiente para atordoar qualquer candidato a predador e transformar um encontro casual em um grave acidente. Os choques do poraquê podem acontecer mesmo quando o peixe já está morto há cerca de 8 horas! Mas, não, não é ele o mais temido das águas amazônicas.

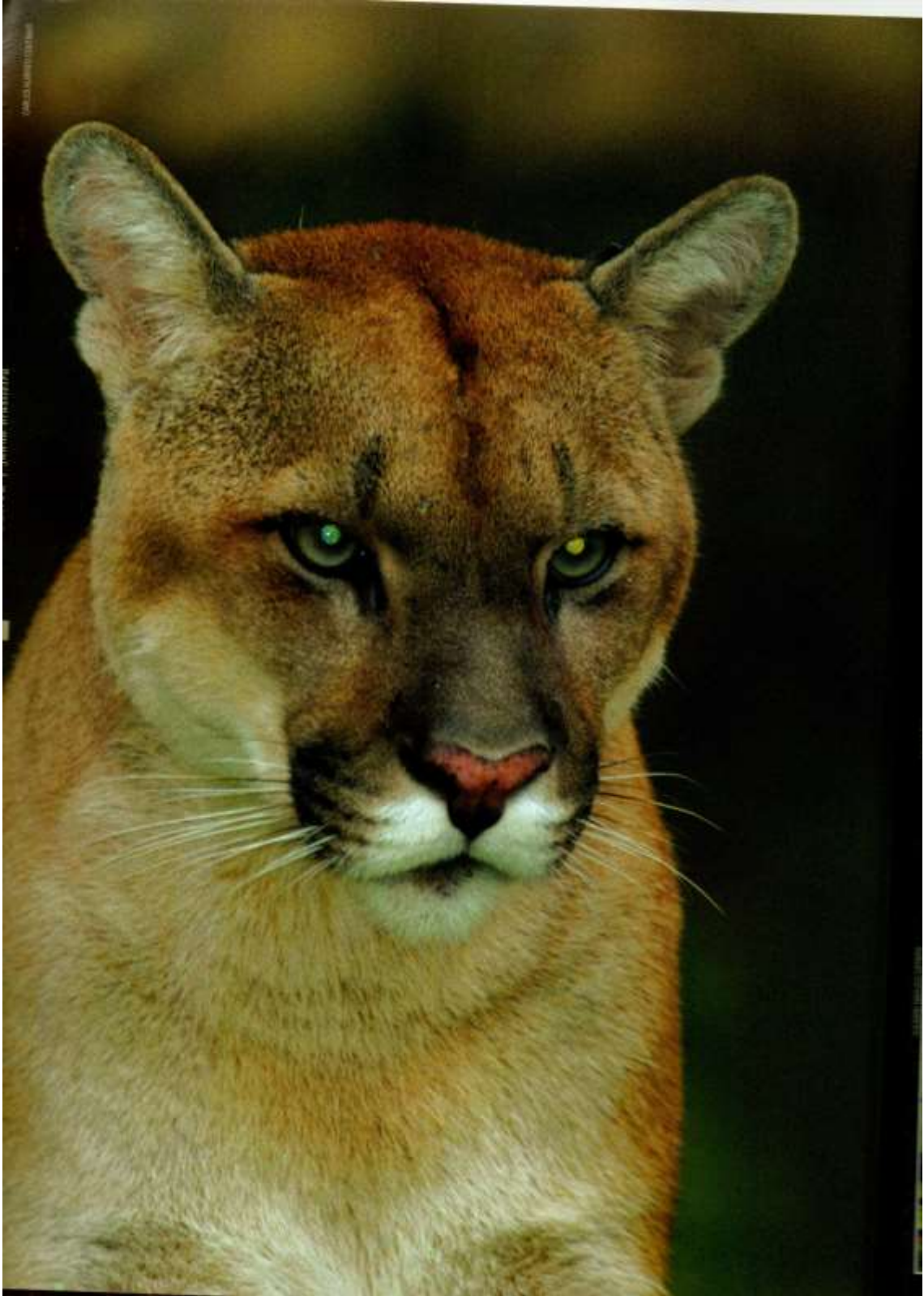
Tampouco é a piranha, nome genérico de espécies diferentes dos gêneros *Serrasalmus* e *Pygocentrus*, às quais talvez caiba o título de mais mal afamadas, sobretudo entre os turistas. Muitos estrangeiros deixam de tomar banho nos igarapés amazônicos com medo de virar almoço desses peixes carnívoros, sem saber que alguns têm hábitos solitários - caso da piranha-preta (*Serrasalmus rhombus*), a maior da Amazônia (40 cm) - e os grandes agrupamentos - mesmo da espécie mais comum, a piranha-vermelha (*Pygocentrus nattereri*) - só acontecem no fim da estação seca, se e quando um cardume fica confinado em águas rasas, isolado do rio principal e sem alimento.

Durante o ano todo e entre os habitantes locais, o peixe mais temido da Amazônia, na verdade, é um peixinho fininho, de 'miseros' 3 a 7 centímetros de comprimento, em média, conhecido como candiru (família Trichomycteridae). São diversos gêneros e espécies, mas o medo é um só: ele pode penetrar por orifícios pequenos (e ínfimos) de quem entra na água sem roupas, causando muita dor e exigindo cirurgia para ser retirado.

EM DESTAQUE

A capivara e o maior roedor do mundo; o pequeno mas perigoso candiru (abaixo), o mais temido dos peixes amazônicos; e a preguiça-de-coleira (pg. 19), a mais ameaçada entre as parentes por causa da fragmentação da Mata Atlântica





Os registros confirmados de acidentes com pessoas são ruros, porém suficientes para impor uma 'lei' rigorosa na região: "em rio que tem candiru, não se nada nu". Normalmente, o peixinho se alimenta de sangue de outros peixes, penetrando por entre as guelras para morder as artérias do hospedeiro com seus dentes especializados, e obter o alimento. É, portanto, um tipo de 'vampiro', mesmo que diminuto.

Entre os felinos, o destaque é a onça-parda ou suçuarana (*Puma concolor*), a predadora mais eficiente e mais flexível, capaz de capturar presas pequenas ou grandes, de insetos a cervos. Ao ser comparada com os maiores felinos do mundo, a suçuarana fica em sétimo lugar, sendo que alguns dos outros têm 'títulos' extras, além do tamanho: tigre, o mais forte; leão, o mais social; leopardo, o mais hábil na escalada de árvores; guepardo, o mais rápido (112 km/h); onça-pintada, a mais robusta, de mordida mais potente; e leopardo-das-neves, o melhor no salto em distância (6 m). Quando a medida é a eficiência na caça, entretanto, a onça-parda fica em primeiro lugar, conseguindo alimento em 75% das vezes que parte para o ataque. Em geral, vai direto ao pescoço da presa, matando por estrangulamento.



Outra espécie eficiente - sempre preparada para ataque ou defesa - é a aranha caranguejeira *Ephelopus murinus*. Segundo Rogério Bertani, do Instituto Butantan (SP), pertence ao único gênero com pelos urticantes nos palpos e não no abdômen (como as demais caranguejeiras). Então consegue picar e lançar os pelos ao mesmo tempo, sem precisar virar o abdômen para o predador, classificada como a aranha com a melhor defesa.

Dos pequenos felinos brasileiros, o melhor no equilíbrio é o gato-maraçajá (*Leopardus wiedii*). Por passar mais tempo que todos os outros nas copas das árvores - onde se alimenta de pequenos roedores, aves, aranhas e frutos -, desenvolveu um senso de equilíbrio impar - além de articulações especialmente flexíveis nas patas traseiras - e é capaz de descer por um tronco vertical de frente, como fazem os esquilos.

Uma habilidade extraordinária para um felino de 3,5 kg não passa de obrigação para um lagartinho arborícola, como *Plica plica*, nativo da floresta amazônica. Dotado de unhas finas e recurvadas nos dedos, ele transita para cima ou para baixo com igual desenvoltura. Mas essa não é a razão pela qual se destaca. Seu 'título' é o de visual mais elaborado, com um padrão de manchas e cores verdes e marrons, com *design* próprio para fazê-lo desaparecer em seu ambiente, confundindo-se com os líquens e musgos que crescem sobre as cascas de árvores.

Já no sertão nordestino, terra de uma grande variedade de calangos e lagartos, o *design* em duas dimensões não é diferencial suficiente. E o mais radical dentre esses pequenos répteis é o espinhoso

HABILIDADE E EFICIÊNCIA

A mais versátil das aranhas é esta caranguejeira (ao lado): pica e lança pelos urticantes ao mesmo tempo. A dormideira (acima) é a mais dócil das cobras e a onça-parda (à esq.) é o felino mais eficiente na caça, com 75% de sucesso nas investidas.

pitoco (*Hoplocercus spinosus*). Além do padrão de manchas em marrom, laranja e amarelo na pele do corpo e na cabeça, ele exibe espinhos muito desenvolvidos na cauda curta e grossa. É de fazer inveja a qualquer *prata*!

Seu cardápio é igualmente radical: inclui cupins, besouros, formigas, gafanhotos, aranhas e escorpiões. O pitoco habita a zona de transição entre o Cerrado e a Caatinga e vive junto ao chão, usando buracos escavados sob rochas ou troncos caídos como refúgio contra o sol forte e os predadores. E não adianta insistir para ele sair: quando se tenta tirar um pitoco da toca, ele infla o corpo, firmando-se contra as paredes do buraco, mais arreado do que um adolescente humano!

Em compensação, entre as serpentes da Mata Atlântica, a dormideira (gênero *Sibynomorphus*) ganha tranquila o título de 'mais dócil'. Injustamente tratada a pauladas porque exibe uma pele vagamente parecida com a das jararacas, é um animal incapaz de revidar os maus-tratos. Aceita ser manipulada sem reagir, tanto que costuma ser escolhida para a atividade educativa *Mão na cobra*, desenvolvida pelo Instituto Butantan, em São Paulo, com grupos de crianças, informa o coordenador desses encontros, Otávio Marques. A dormideira atinge, no máximo, 40 cm e é encontrada em hortas e jardins, em busca das lesmas de que se alimenta.

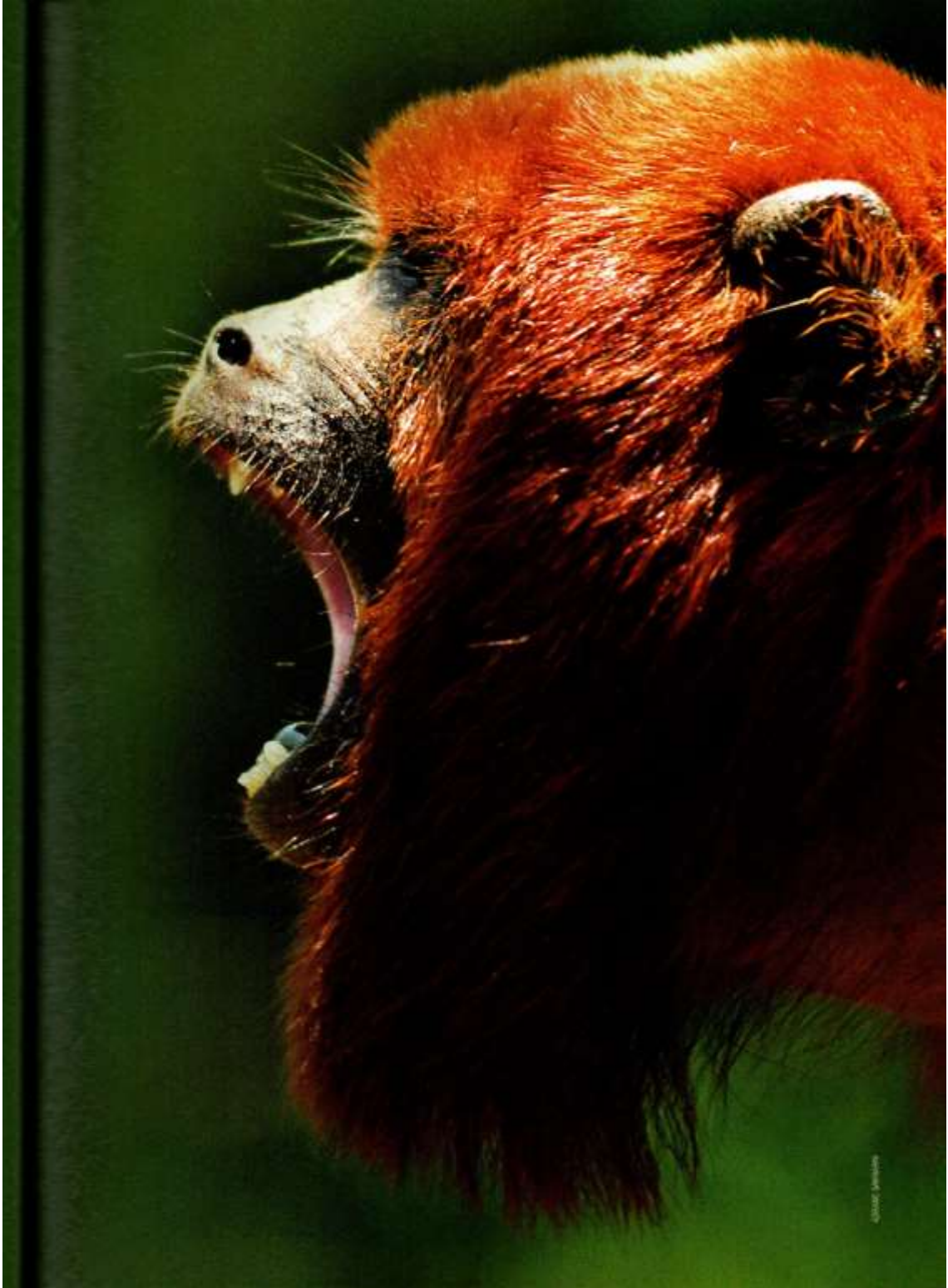
Também na Mata Atlântica vive a espécie mais vulnerável das preguiças brasileiras, a preguiça-de-coleira (*Bradypus torquatus*). Ainda mais tranquila do que a cobrinha comedora de lesmas, se deixada em paz a preguiça passa o dia comendo folhas e descansando, sem des-

cer ao chão senão uma vez por semana, para defecar. Frequenta apenas umas 20 árvores diferentes durante todo o ano e nunca abre a boca para 'reclamar' de nada. Sua vocalização é quase desconhecida e só entra em cena quando é tempo de acasalamento, quando então os pares precisam se encontrar para garantir a nova geração. A vulnerabilidade da simpática preguiça-de-coleira é decorrente do excesso de fragmentação de seu habitat. Isolados em pequenos remanescentes de mata, muitos indivíduos não têm como transitar pelas copas das árvores para encontrar seus pares ou alimento suficiente. E então descem ao chão para alcançar outras matilhas, quando ficam expostos ao ataque de cães domésticos e predadores silvestres.

Pior ainda é a situação da ararinha-azul ou arara-celeste (*Cyanopsitta spixii*),



ESPERTALHÃO
Pela foto ao lado logo se vê porque o macaco-prego é o mais esperto: até rouba para não passar fome. O bugio - ou guaribú - (à dir.) solta a voz potente e grave. É o melhor 'barítono'



ave endêmica do Norte da Bahia, hoje considerada extinta na natureza. Ela fica com o triste registro de mais próxima da extinção dentre as mais de 1.800 espécies de aves da nossa fauna. Foi abatida pelo intenso tráfico internacional para o mercado de mascotes, paradoxalmente por ser a mais graciosa das araras.

No universo dos primatas - e o número de espécies brasileiras de primatas continua crescendo, totalizando 103, atualmente - é difícil eleger o mais carismático, tantos e tão expressivos são os candidatos. Já no quesito esperteza não há dúvidas: o macaco-prego (gênero *Cebus*) é o mais 'descolado'. Se a situação aperta e a comida fica difícil de obter, ele não hesita: recorre tanto a instrumentos - pedaços de paus para alcançar frutos altos ou pedras para quebrar coqueiros e nozes - como a atos 'ilícitos'. Pode invadir plantações, casas e até recintos de outros animais atrás de comida, sabendo esperar pela melhor oportunidade para conseguir o alimento sem ser pego. Pessoalmente, testemunhei o roubo de pedaços de melancia bem diante do nariz de sua 'proprietária' e um 'vigia': uma anta e seu tratador!

Ainda entre os primatas, os bugios ou guaribas (gênero *Alouatta*) são os melhores 'barítonos' de nossa fauna. Suas vozes potentes e graves podem ser ouvidas a cerca de 5 quilômetros de distância, em 'espetáculos' diários, sempre ao amanhecer e ao entardecer, exceto no caso dos bugios-ruivos (*Alouatta guariba*), que 'saltam a voz' apenas em encontros sociais: quando dois grupos da mesma espécie se aproximam, os machos precisam delimitar claramente seus territórios 'no gogô'.

RADICAIS

O pitoco (ao lado) exibe design nas cores marrom, laranja e amarela e espinhos na cauda, no melhor estilo punk. O lagartinho arborícola da Amazônia (à dir.), além do visual, radicaliza na descida de cabeça para baixo

"Através das vocalizações, os bugios medem as posições hierárquicas e mapeiam os espaços dos grupos, diminuindo a ocorrência de brigas, especialmente nos cerrados", explica o pesquisador Adriano Chiarello, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). "Eles produzem sons de baixa frequência, bem graves, por meio do osso hióide, que é um osso muito pouco espesso, com formato e tamanho de um ovo de galinha, que funciona como uma caixa de ressonância na região unguear, no gogô mesmo".

Vocalizações excepcionais, com o mesmo intuito de demarcar território, também são 'marca registrada' do trinta-ferro ou pixarro (*Saltator similis*, não por acaso também chamado de tempera-viola, tal o grau de afinção de seu canto, usado por alguns violeiros para afinar seus instrumentos. Muito procurado por passarinhos para disputar torneios de canto, é uma das três espécies de pássaros mais apreendidas pela fiscalização, devido ao intenso tráfico, neste caso interno, dentro do País mesmo. As outras duas espécies são coleirinha (*Sporophila caerulescens*) e canário-da-terra (*Sialia flaveola*), este talvez um dos mais mansos e fáceis de tratar dentre os pássaros canoros, o que resulta no aprisionamento de



MAIORES...

Mesmo se não são os mais famosos entre os grandes, alguns animais brasileiros detêm o título de 'maior do mundo':

A capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*) é o maior roedor do mundo. Chega a pesar 80 kg. Uma mariposa amazônica (*Thysania agrippina*) é a maior do mundo.

Suas asas abertas medem 30 cm.

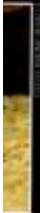
A aranha golias-comedora-de-pássaros (*Theraphosa blondi*) é a maior caranguejeira do mundo. Mede 26 cm e sobe em árvores para buscar suas presas nos ninhos.

O pirarucu (*Arapaima gigas*) é considerado o maior peixe de escamas de água doce.

Alcança 4,5 metros e 200kg.

... E MENORES

A classificação de menor anfíbio brasileiro é disputada por um bom número de sapirinhos do gênero *Brachycephalus*, com meros 8 milímetros de comprimento. A maioria das espécies conhecidas ocorre nas regiões Sul e Sudeste e têm distribuição extremamente restrita, às vezes limitada a apenas um topo de morro. Várias espécies novas desse gênero estão em fase de descrição e estas duas (à esq.), fotografadas pelo herpetólogo Magno Segalla, são as duas mais novas, a serem oficialmente batizadas neste mês de maio. A mais amarelinha foi descoberta no Paraná e a marrom em Santa Catarina, distantes apenas 16 km uma da outra.





TERRA DA GENTE | Jovana Beneditoni

28

www.terra.com.br

um grande contingente em gaiolas.

Por um motivo bem diferente, muitas pererecas também são capturadas. E a espécie de perereca mais perseguida do Brasil é também a maior e uma das mais lentas: cambô ou sapo verde (*Phyllomedusa bicolor*), com 12 cm de comprimento. Ela secreta um veneno na pele reputado como alucinógeno por alguns, espiritual por outros e medicinal por terceiros. Deste veneno se faz a 'vacina do sapo', proibida pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) desde 2004. Duas substâncias presentes no veneno – dermorfina e deltorfina – atuam sobre os receptores neuronais e podem alterar

o nível de consciência, porém o limiar entre a 'boa experiência' e a séria intoxicação é bem tênue.

Anfíbios, aves, mamíferos, peixes, répteis ou invertebrados, todos ainda têm muitas características inusitadas ou substâncias especiais a serem descobertas. Esses animais constituem uma riqueza inexplorada, que só a pesquisa séria pode transformar em conhecimento capaz de gerar algum tipo de desenvolvimento sustentável, seja pelo uso em biotecnologia, seja para mera observação. Antes de tal transformação, porém, é preciso assegurar a sobrevivência dos mais e melhores, assim como a de todo o resto do ranking da biodiversidade. ●

CANTOR AFINADO

O trunco-ferro ou pixarro, também apelidado tempera-violão, tem vocalização forte e afinada. É uma das três espécies de pássaros mais caçadas pelos traficantes

Onde está o olingo?

O candidato mais provável ao título de 'mais misterioso' ou 'mais raro' entre os mamíferos nativos é um animal conhecido como olingo (*Bassaricyon gabbii*), tão difícil de localizar que há dúvidas se de fato ele ocorre no Brasil. Existem registros científicos antigos na Amazônia e sua ocorrência é um pouquinho mais comum entre a Bolívia e a Nicarágua, sempre nas florestas densas. Mas não há observações científicas recentes em território brasileiro. "Só no último ano recebemos 6 pedidos de autorização para expedições científicas, com o objetivo de localizar o olingo, por

enquanto sem resultados. Trata-se de um animal de cerca de 40 centímetros, com cauda mais longa do que o corpo, semelhante ao jupará (*Potos flavus*, que já é bem raro", conta Rogério Cunha de Paula, analista ambiental do Centro Nacional de Pesquisas para a Conservação dos Predadores Nativos, do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (Cenap/CMBio). O olingo se alimenta de insetos, pequenos vertebrados, frutos e néctar; é noturno e também fica em ocas de árvores, eventualmente competindo por eles com o jupará. Permanece muito tempo no alto das árvores, sem descer ao chão, o que dificulta ainda mais sua localização e a pesquisa de seus hábitos.

